

COMENTÁRIOS SÔBRE "A NOSSA TÁTICA"

Maj Antônio V. dos Santos Rocha,
Oficial de EM

Na oportunidade em que se debate nesta revista o problema da modernização e reorganização do nosso Exército, não poderíamos deixar passar sem uma referência interessante trabalho que nos caiu nas mãos. Trata-se do livro "A NOSSA TÁTICA", de autoria do 1º Tenente de Infantaria Ildefonso Escobar, Professor da Escola Militar, Instrutor do Tiro de Guerra n. 7 e antigo Instrutor das Escolas de Guerra e dos Cursos de Aplicação de Infantaria e de Cavalaria. Com isto visamos tão-somente a uma contribuição histórica para os estudos que ora se processam, homenageando ao autor e à obra. Do primeiro nada sabemos, senão que, a julgar por sua publicação, foi oficial vibrante e estudioso. Da segunda, podemos dizer que é bem escrita, metódica, inteligente e curiosa em muitos aspectos.

O livro é uma brochura de 123 páginas, impressa nas Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil e traz a data de 1918. Essa data nos sugere o fim da 1ª Grande Guerra e, em consequência, a fase de ebulição que a inteligência militar da época atravessava, em busca de novas idéias e de novos rumos.

No Prefácio, assim se expressa o autor:

"Nossos regulamentos são traduzidos do Exército alemão, que embora inimigo, a bem da verdade e da justiça, não devemos negar — tinha, antes da guerra, sólida organização e admirável instrução — mas, o Exército alemão é constituído de alemães.

Para assegurar eficientemente a defesa nacional, o Brasil necessita de uma tática nacional".

O conteúdo da obra vem dividido em capítulos, nos quais o autor aborda os seguintes problemas: "A nossa Tática", "O temperamento nacional", "Estrutura física do brasileiro", "O clima nacional", "Topografia Nacional", "Situação Geográfica do Brasil", "Vias de comunicações", "Armamento", "Equipamento", "O esforço do soldado brasileiro", "Tiro", "Ginástica", "Esgrima", "Artilharia portátil" (neste capítulo o autor versa sobre os diversos empregos das granadas de mão), "A tática", "Passo", "A tática das massas", "A tática americana", "?", "Que devemos fazer?".

No primeiro capítulo, o Ten Escobar esclarece o seu conceito de "nossa Tática", quando a vincula à defesa das nossas fronteiras e ao teatro sul-americano. Evidentemente êsse conceito é demasiado restrito e hoje bastante discutível, em face dos compromissos internacionais do Brasil.

Mais adiante o autor define as características do temperamento brasileiro tal como as conhecemos, (bravura, instabilidade, inconstância, desorganização, espírito crítico, ausência de seriedade, individualismo), julgando, como também julgamos, que elas não podem ser desprezadas em qualquer estudo que se faça sôbre doutrina e reorganização.

No capítulo "Estrutura física do brasileiro", após estudos comparativos entre índices de robustez das mais diversas raças, copclui o Ten Escobar que "conservar o armamento pesado, o equipamento insupportável e o capote de chumbo para o convalescente brasileiro, é rematada loucura, é a derrota, é a desonra!"

No item "Armamento", observa o autor que "nossa costa é extensíssima e está indefesa; o sistema de fortes couraçados, além de ser dispendiosos, oferece a desvantagem tática de estarem êsses fortes sujeitos à concentração dos fogos de uma esquadra inimiga". Advogava o Ten Escobar o emprêgo, à semelhança do que já faziam outros países, das "baterias mascaradas", que supomos terem algo de semelhante com os nossos G A Cos M. Cremos que de 1918 para cá, o problema ainda não foi solucionado. E a urgência da solução avulta com o advento dos mísseis e dos meios de destruição em massa.

Na parte do "Esfôrço do Soldado Brasileiro", o Ten Escobar toma os pesos do armamento e do equipamento, mais a velocidade de deslocamento do soldado, e introduz êsses dados numa fórmula em que pretende deduzir o trabalho despendido: $T = \frac{1}{2} MV^2$. E após mais alguns cálculos e equações deduz que é falta de senso e crime de lesa-pátria continuar a exigir do nosso soldado uma carga superior à energia animal do mesmo".

No item "Tiro", um dos mais extensos do livro, o autor lamenta a decadência da instrução de tiro, e prega a volta às Sociedades Esportivas de Tiro ao Alvo. De modo que pudéssemos responder a outrem como o presidente da Suíça ao imperador Guilherme da Alemanha, quando êste ameaçou-lhe enviar um exército de dois milhões e meio de soldados: "Que fareis?" teria dito o imperador. "Neste caso, respondeu o presidente, ordenarei que cada soldado do exército Suíço (500.000 h), gaste 5 cartuchos".

Nos capítulos "Ginástica e Esgrima", o Ten Escobar acha que assim como os alemães os franceses e os italianos têm sua esgrima, os ingleses e os americanos o box e os japoneses o jiu-jitsu, nós possuímos a capoeiragem, a qual, metodizada e adaptada à baioneta, poderia ser crismada com outro nome mais simpático.

No que se refere ao "Passo", o autor, mui infantemente estabelece relações entre "talhe" e comprimento do passo para os diversos tipos de soldados, alemães, ingleses, franceses e brasileiros, para depois concluir que a diferença entre a "grandeza oficial" (do passo) e a "grandeza real" poderia acarretar erros e equívocos no que tange ao planejamento das marchas.

Em "A tática das massas", é feita uma análise interessante da tática empregada pelos alemães na guerra, e que o autor denomina "tática das massas de assalto".

No capítulo "A tática americana", o Ten Escobar diz que "a América entrou na guerra e assombrou o mundo... porque naquele país não se falava em von Rohne nem em von Greinperkel..."

No que se refere ao "Que devemos fazer?", a parte conclusiva do livro, assim responde o Ten Escobar:

- 1º — Organizar regulamentos nacionais;
- 2º — Organizar uma tática nacional;
- 3º — Tornar obrigatória a educação cívica e militar, (ou moral ?), da criança;
- 4º — Difundir suave e liberalmente a instrução de tiro à mocidade;
- 5º — Dar ao nosso soldado armamento e equipamento compatíveis com sua estrutura física;
- 6º — Metodizar a capoeiragem, adaptando-a à esgrima e à ginástica;
- 7º — Resolver o problema da artilharia pesada de campanha;
- 8º — Organizar as instruções e serviços de aviação;
- 9º — Resolver o problema da defesa das costas e fronteiras com o emprêgo de baterias mascaradas;
- 10º — Banir os métodos e regulamentos alemães como nocivos e perniciosos, a fim de salvar o nosso Exército de um desastre futuro.

Em continuação, o autor estuda cada um dos problemas acima enunciados e aponta a solução para cada um deles. Para o primeiro problema, por exemplo, indica a seguinte providência:

"Para organizar regulamentos adequados ao nosso meio, já possuímos vasto cabedal — os regulamentos existentes, pendentes apenas de uma racional adaptação compatível com a nossa raça e o nosso meio. Para êsse fim nomearíamos uma grande comissão de oficiais conhecedores

de nosso Exército e de nosso país. Só poderiam fazer parte dessa comissão oficiais que tivessem estado arregimentados por espaço de tempo nunca inferior a dois anos, como instrutores ou comandantes de tropa. Constituiriam essa comissão oficiais com estágio nos diferentes exércitos do mundo e também oficiais que nunca tivessem saído do país. À disposição desses oficiais seria colocada uma unidade de cada arma, para verificação experimental. Assim organizaríamos regulamentos de acôrdo com o nosso caráter e as nossas necessidades, aproveitando tudo o que é bom e útil dos povos mais adiantados do que nós. Em quatro anos de trabalho resolveríamos este problema”.

O autor, entretanto, conclui o seu trabalho sem fazer qualquer referência a tipo ou tipos de organização de unidades, tema deveras importante que, devidamente abordado, daria maior atualidade ao livro.

Eis em rápidos traços algumas das idéias que, em 1918, sugeria o Ten Ildefonso Escobar para a elaboração da “A nossa Tática”. Os tempos mudaram. Algo não mudou entretanto: aquêlê mesmo anseio de mudança, de reforma e de reorganização com que emergimos de outra guerra. Muita coisa se tem dito e escrito a respeito. Alguns dos conceitos do Ten Escobar, evidentemente estão ultrapassados pelo tempo e cabem nestes comentários mais como uma referência histórica ou curiosidade. Outros permanecem de pé, pedindo solução. Não em quatro anos como pretendia aquêlê brioso infante, mas em curto prazo — sob o risco de vermos comprometido o bom êxito da MISSAO.